


A QUEM PERTENCE O MEU DESTINO? RITUAL DE VIDA E MARGINALIZAÇÃO FEMININA EM *VAMOS CHAMÁ-LA DE MARIA*, DE ADRIANA ARMONY

Who my destiny? Life ritual and female marginalization in *Vamos chamá-la de Maria*, by Adriana Armony

Rodrigo Felipe Veloso¹

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X> 

¹Universidade Estadual de Montes Claros, Departamento de Comunicação e Letras, Montes Claros, MG, Brasil. 39401-089 – depto.comunicacaoeletras@unimontes.br.

Adriana Armony, doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é uma autora consolidada na cena literária brasileira contemporânea. Professora e pesquisadora, publicou obras de destaque como *A fome de Nelson* (2005), *Judite no país do futuro* (2008) e *Estranhos no aquário* (2012), este último, premiado com a bolsa de criação literária da Petrobras. Em parceria com Tatiana Salem Levy, organizou a antologia *Primos: histórias da herança árabe e judaica* (2010), e lançou ainda o romance *A feira* (2017). Em *Vamos chamá-la de Maria*, Armony conjuga sua sensibilidade literária à consciência crítica, denunciando práticas de exploração e, ao mesmo tempo, expondo os dilemas universais da condição feminina, reafirmando-se como uma das vozes mais relevantes na literatura brasileira contemporânea.

A obra *Vamos chamá-la de Maria*, de Adriana Armony, inscreve-se no gênero do romance contemporâneo, com forte viés de crítica social e literário-político. O enredo articula duas narrativas que se entrelaçam: a de uma mulher branca, de classe média, que rememora e reinterpreta suas próprias experiências erótico-amorosas, e a de Maria, uma mulher negra, pobre e vítima de tráfico sexual para Portugal. O romance explora a tensão entre esses dois universos aparentemente distantes, mas que se encontram na condição feminina marcada por opressões estruturais. A linguagem de Armony é lírica e, ao mesmo tempo, incisiva, construindo imagens que evidenciam tanto a violência quanto a resistência das mulheres submetidas ao jugo de práticas de exploração.

A personagem central é Maria, cujo nome, por si só, remete ao arquétipo da mulher universalizada, que pode ser qualquer uma. Sua trajetória revela a face brutal do tráfico humano, ao mesmo tempo em que denuncia a naturalização das desigualdades sociais,

raciais e de gênero. Maria é retratada em sua vulnerabilidade, mas também em sua capacidade de desejar, resistir e narrar sua própria história. Nesse entrelaçamento narrativo, os homens que circulam na vida de uma e de outra personagem expõem a estrutura machista que, apesar das diferenças de classe e cultura, as aproxima em suas dores e em seus enfrentamentos. Nesse sentido, o romance ultrapassa a denúncia e constrói um espaço de afirmação da resistência feminina.

Publicado em 2023, *Vamos chamá-la de Maria* é um livro que se destaca pela exploração de questões sociais, psicológicas e de identidade. Ao longo da narrativa, a autora constrói uma história que, ao mesmo tempo, é intimista e universal, tratando de temas como a busca por pertencimento, a solidão, e o impacto das escolhas na vida de cada indivíduo.

Armony faz um trabalho notável ao mergulhar na psicologia das personagens. A forma como ela constrói Maria e outros ao redor dela permite que o leitor compreenda suas motivações, fraquezas e sonhos. É uma análise de como o ambiente social e familiar molda as decisões pessoais. “Foram sentando uma por uma em frente ao espelho de camarim. Lili pegava a tesoura e, sem maiores cuidados, ia cortando os cabelos dela? Porque não reagem?, se perguntava [...]” (Armony, 2023, p. 19). A cena evidencia o *modus operandi* da chefe do tráfico humano, tanto em sua postura diante das mulheres enganadas quanto nas formas de submissão que lhes são impostas. Ressalta-se, ainda, que essas mulheres chegam a Portugal já endividadas, o que as impede de se libertarem desse espaço inóspito e explorador.

Importante observar que a mulher brasileira possui uma identidade específica, genuína, mas quando se chega a um novo país e passa por mudanças físicas, a sua identidade também se modifica, bem como uma sinalização disso acontece quando Maria se olha ao espelho e não reconhece suas origens: “as luzes do espelho confundiam tudo. Na frente dela, quem a olhava era uma outra” (Armony, 2023, p. 19).

Com uma atenção centrada nos detalhes sociais, o livro em questão não é apenas sobre a jornada individual de Maria, mas também reflete questões mais amplas, como o papel da mulher na sociedade, a pressão para se encaixar em estereótipos de sucesso e a busca por significado em uma realidade muitas vezes opressora. Armony critica com sutileza o modo como as expectativas sociais afetam a autoestima e a liberdade individual. “Em todos aqueles meses, ela tivera algum momento de alegria? Um sopro de esperança, de beleza? Só se sentira realmente viva no capítulo falso? Ou a vida se tece também no seu avesso?” (Armony, 2023, p. 97).

Vamos chamá-la de Maria é uma narrativa fluída e sensível, a escrita de Armony é envolvente, com uma cadência que se alterna entre momentos de reflexão profunda e outros de puro lirismo. Sua capacidade de transitar entre a descrição de cenários e a exposição dos dilemas internos de seus personagens permite uma imersão emocional que prende o leitor: “quando imagino Maria, junto retalhos, misturo cenas da reportagem que li com rastros de empregadas domésticas da minha infância privilegiada e classe média, de

mulheres com quem cruzei, de uma catadora de papel que vi num filme” (Armony, 2023, p. 23).

Com efeito, tem-se a figura de uma mulher marginalizada pela sociedade, cuja trajetória é marcada pela violência estrutural e pelas dificuldades impostas pelas convenções sociais de gênero. A protagonista não é apenas uma vítima da opressão patriarcal, mas também da exploração sexual através do trabalho. Assim sendo, a narrativa propõe uma reflexão incisiva sobre a forma como as mulheres, especialmente as de classe baixa, são não só marginalizadas em termos sociais e econômicos, mas também sexualizadas e cooptadas para a reprodução de uma lógica de exploração.

Um dos principais temas do livro em apreço é o da sexualização do trabalho feminino e o uso do corpo da mulher como mercadoria. Maria, em sua busca por sobrevivência, se vê forçada a aceitar trabalhos que não só a subvalorizam, mas que também expõem sua vulnerabilidade física e emocional. A exploração sexual no trabalho não é apenas uma metáfora para a opressão do sexo feminino, mas uma realidade concreta vivida por mulheres em situações de pobreza extrema. Armony não retrata Maria como uma vítima passiva; ao contrário, ela é uma mulher resiliente, que enfrenta as condições adversas com resistência silenciosa, mesmo que seu corpo se mostre vulnerável. “Um dia, ocupei o armário vazio com as roupas de frio. Alguns meses depois começava minha outra vida” (Armony, 2023, p. 28).

A relação entre trabalho e sexualidade, no romance, é um reflexo do contexto de desigualdade entre homens e mulheres, no qual o valor de uma mulher é por vezes medido pela aparência, pela sua sexualidade e, ainda mais perversamente, pela exploração dessa sexualidade. A protagonista, Maria, se torna um símbolo do corpo feminino consumido pelo sistema econômico e sexual, no qual seu trabalho é uma extensão de sua sexualidade, tornando-se um ciclo de exploração aparentemente difícil de romper.

Viver no limiar da condição humana corresponde ao que Arnold Van Gennep (2011) denomina de “margem”, isto é, uma etapa que se apresenta como “simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra” (Gennep, 2011, p. 35). Esse estado de margem traduz-se como um momento de transição, no qual o sujeito já não pertence à posição anterior, da qual se separou, mas ainda não alcançou plenamente a nova posição à qual será incorporado. Trata-se, portanto, de um espaço intermediário, fronteiro, um verdadeiro “entre-lugar”, marcado por incertezas e pela suspensão do tempo ordinário.

Nessa fase, o indivíduo adentra um território desconhecido: não consegue mais se dissociar inteiramente de seu passado e tampouco está pronto para viver o estado futuro, a não ser quando a incorporação final se efetiva. Como observa Van Gennep, os ritos de margem “podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação” (Gennep, 2011, p. 30). Assim, viver no limiar da condição humana significa habitar uma zona de suspensão e transformação, cuja função é preparar o sujeito para uma

nova forma de existência, articulando tanto aspectos simbólicos (ideais) quanto práticos (materiais).

É nesse horizonte que se inscreve a trajetória de Maria: sua experiência é marcada por ritos de margem que dialogam diretamente com o lugar de “exílio” em que se encontra, ecoando, ainda, as histórias de personagens anteriores que viveram processos semelhantes. Esse exílio não é apenas espacial, mas também simbólico, pois implica privação, espera e reflexão, configurando-se como uma condição de não liberdade: não há espaço imediato para a criação, nem para a elaboração de novos rumos e destinos. O que emerge, nesse contexto, é um processo forçado de autodescoberta e de redefinição identitária, na medida em que Maria se vê compelida a elaborar uma nova forma de vida e de sentido. Nesse ponto, pode-se aproximar sua experiência da concepção de Edward Said (2005) em *Representações do intelectual*, para quem a condição de exílio se transforma também em um lugar de crítica, de deslocamento e de reinvenção de si:

O exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir caminhos prescritos. Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único (Said, 2005, p. 69).

Desse modo, a mulher vivendo seu rito de margem tem sua problemática entre dois mundos, ou seja, de um lado, tem-se um sentimento de perda, de tensão e conflito de grupos sociais, familiares e, por outro, a obediência e exploração pelo trabalho que a mantém violada e sem possibilidade de agregar-se a uma nova condição de vida, o que revela a supremacia e poder do grupo dominante e opressor.

Julia Kristeva (1994), ao refletir sobre a condição do estrangeiro em *Estrangeiros para nós mesmos*, ilumina a experiência de Maria no romance de Armony. Para Kristeva, viver o exílio significa habitar uma margem permanente, uma “estrangeiridade interior” que não se esgota apenas no deslocamento geográfico, mas reverbera no modo como o sujeito se percebe e é percebido. Essa leitura permite compreender Maria não apenas como uma mulher deslocada fisicamente, mas também como alguém que vive o rito de margem, em que o passado não pode ser retomado e o futuro ainda não está inteiramente acessível. A experiência de Maria, nesse aspecto, é também a de uma subjetividade fragmentada, marcada pela impossibilidade de pertencimento e pela necessidade de reinventar-se em meio ao exílio.

Já bell hooks (1990), em *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*, oferece outra chave de leitura ao abordar os processos de resistência e de reconstrução de identidade em contextos de opressão. Para hooks, as mulheres que vivem nas margens carregam uma dupla experiência: a de vulnerabilidade e a de potência crítica, pois habitar a margem é também um lugar de resistência. Essa perspectiva ressoa na trajetória de Maria, que,



embora submetida a condições de exploração e silenciamento, encontra no próprio exílio um espaço paradoxal de autodescoberta. Assim, a margem, que em Van Gennep aparece como rito de transição, em hooks ganha contornos de crítica cultural e política, permitindo pensar Maria não apenas como vítima das circunstâncias, mas como sujeito que elabora novos modos de ser e de narrar-se no mundo.

A exploração sexual no contexto de trabalho é uma das formas mais evidentes de marginalização feminina, especialmente quando se trata de mulheres de classes sociais desfavorecidas, como Maria. A lógica de mercado, que vê o corpo feminino como um produto a ser consumido, se manifesta de diversas formas. Maria é forçada a se submeter a esses padrões, e sua resistência, embora silenciosa, se torna um meio de reivindicação de sua dignidade em um cenário onde ela é constantemente objetificada.

O trabalho de Maria não é apenas uma forma de sustento (afinal, mantém uma dívida impagável), mas também de dominação, no qual sua autonomia é tirada, sua liberdade é restringida e seu corpo é apropriado de forma violenta. A autora, ao colocar a sexualização do trabalho como um dos pilares da marginalização feminina, mostra como a opressão social, econômica e sexual estão entrelaçadas em uma única estrutura de dominação. Isso é visível, por exemplo, nas relações de poder entre empregadores e empregados, nas quais as mulheres são muitas vezes vistas como objetos que podem ser manipulados e explorados.

Por fim, a história de Maria se baseia em outras, de diferentes mulheres, mas que se conjuga numa condição marginal, excludente e, portanto, depois de passar por essa etapa e experiência, a sua vida no presente é ajudar outras vozes femininas que sofrem e são oprimidas pelo sistema patriarcal, haja vista que “na plateia, uma moça negra de óculos que toma notas sem parar espera até o final para fazer suas perguntas” (Armony, 2023, p. 105).

Essa mulher chama-se Maria, é a mãe de todas as outras, pois como exemplo e proteção se encontra em todo lugar, é representada pela força indômita que habita em si mesma, o seu caminho permanece obstruído, entretanto, o elo da corrente que a une às outras mulheres se mantém forte e indestrutível, mesmo que o sistema patriarcal aja contra essa posição de resistência e resiliência, elas continuaram tentando até vencer.

Vamos chamá-la de Maria, portanto, é uma obra sensível e relevante, que propõe uma reflexão sobre identidade, pressão social e busca pelo sentido da vida. Adriana Armony apresenta uma discussão sobre a marginalização feminina e a exploração sexual no trabalho, construindo a personagem-protagonista como um símbolo da luta das mulheres frente às opressões múltiplas que as acometem. A obra denuncia as estruturas de poder que subordinam as mulheres, colocando-as em posições de extrema vulnerabilidade e sexualização. Ao mesmo tempo, Armony oferece um olhar empático para a resistência silenciosa dessas mulheres, que, apesar de todas as adversidades, buscam formas de preservar sua dignidade e autonomia. Sendo assim, essa narrativa não é apenas uma denúncia das condições de vida das mulheres marginalizadas, mas também um



convite à reflexão sobre as formas de exploração e as possibilidades de transformação dessa realidade.

Referências

ARMONY, Adriana. **Vamos chamá-la de Maria**. São Paulo: Reformatório, 2023.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Trad. de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HOOKS, bell. **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics**. Boston: South End Press, 1990.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAID, Edmund. **Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993**. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOTAS DE AUTORIA

Rodrigo Felipe Veloso (rodrigo.veloso@unimontes.br) é pós-doutor em Letras: Estudos Literários (História, Memória e Literatura Judaica) na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no Departamento de Comunicação e Letras, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VELOSO, Rodrigo Felipe. A quem pertence o meu destino? Ritual de vida e marginalização feminina em *Vamos chamá-la de Maria*, de Adriana Armony. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-07, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.



Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 06/03/2025

Revisões requeridas em: 23/09/2025

Aprovado em: 22/11/2025

Publicado em: 15/12/2015

